

A MÃO E A LUVA QUE LHE PUDESSE CABER

André Luis Mitidieri¹
Josimare Francisco dos Santos²

RESUMO: Apoiados em pesquisa de caráter bibliográfico, no presente artigo, analisamos as representações de leitoras e de práticas de leituras femininas no romance *A mão e a luva*, de Machado de Assis, propondo refletir sobre a formação do leitorado oitocentista brasileiro. O narrador machadiano se utilizava de dispositivos que possibilitavam determinada aproximação aos leitores, ao mesmo tempo em que permitiam identificá-los com suas personagens e serviam como ferramentas para “educar” as leitoras. Igualmente enfocamos a relação entre a narrativa ficcional em estudo – um “romance de leitora”, marcado pela solução da “integração cômica” que se manifesta no enlace matrimonial da protagonista – e a função da “leitora implícita”, através das personagens Guiomar e Mrs. Oswald, as quais parecem viabilizar um processo sutil de identificação com as leitoras da época representada.

PALAVRAS-CHAVE: Leitora implícita; Machado de Assis; *A mão e a luva*. Práticas de leitura; Representação de leitoras.

RESUMEN: Fundamentados en investigación bibliográfica, analizamos en el presente artículo las representaciones de lectoras y de prácticas de lecturas femeninas en la novela *A mão e a luva*, de Machado de Assis, proponiendo así reflexionar sobre la formación del lectorado brasileño en el siglo XIX. El narrador de Machado lanzaba mano de dispositivos que posibilitaban cierta aproximación a los lectores, al tiempo en que permitían identificarlos con sus personajes y operaban también como herramientas destinadas a “educar” las lectoras. Igualmente enfocamos la relación entre la narrativa ficcional en estudio – una “novela de lectora” marcada por la solución de la “integración cômica” que se manifiesta en el enlace matrimonial de la protagonista – y la función de la “lectora implicada”, a través de las personajes Guiomar y Mrs. Oswald, las cuales parecen viabilizar un sutil proceso de identificación con las lectoras de la época representada.

PALABRAS-CLAVE: Lectora implicada; Machado de Assis; *A mão e a luva*. Práticas de lectura; Representación de lectoras.

1. Leitores empíricos e leitores representados a contragosto romântico

No romance *A mão e a luva* (1874), de Machado de Assis, investigamos a construção das práticas de leitura feminina que aí surgem a partir das ações de sua protagonista e de atitudes de algumas personagens secundárias. Para entender o processo da cultura impressa e sua inserção durante o século XIX no Brasil, algumas questões primeiras orientam o

¹ Doutor em Letras pela PUCRS. Professor Adjunto do Curso de Letras e do PPGL – Mestrado em Linguagens e Representações – da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Email: mitidierister@gmail.com.

² Mestra em Letras pelo PPGL da UESC. Professora do Curso de Letras da Universidade Aberta do Brasil (UABA/UESC). Pesquisa parcialmente financiada pela CAPES. Email: josinhacroche@gmail.com

desenvolvimento do trabalho: quais dispositivos foram utilizados para provocar a leitora nesse contexto? De que modo as cenas de leitura, as representações de leitores e práticas de leitura podem ser entendidas como estratégias para a formação do gosto pela leitura literária? Para respondê-las, consideramos desde logo que, utilizada como forma de dominação, a prática da leitura era um hábito privilegiado, mas extremamente controlado:

Durante a primeira metade do século XIX a leitura oral era uma das formas de mobilização cultural e política dos meios urbanos e dos operários. Depois disso, numerosas formas de lazer, de sociabilidade e de encontro, antes mantidas pela leitura em voz alta, tornaram-se cada vez mais restritas. A partir daí as elites passaram a restringir os usos da oralização dos textos. Lia-se em voz alta nas Igrejas e nos tribunais. Lia-se em voz alta nas escolas para controlar a qualidade de sua leitura silenciosa — objetivo final da aprendizagem (ABREU, 2001, p. 2).

O controle à leitura estava vinculado também à ideia de que o consumo da literatura poderia causar o desvirtuamento das mulheres, as quais seriam expostas a conteúdos inadequados. Por isso, a maioria das obras literárias ressaltava a beleza das jovens ricas, aristocratas ou burguesas, a virtude e a pureza e, em alguns trechos, trazia críticas ao casamento por interesse e ao viver de aparências. Representações ficcionais como essas podem ser facilmente relacionadas ao mundo empírico dos leitores, revelando-se como uma das formas por meio das quais ocorre a interação entre texto e leitor. Além do mais, a representação de uma cena cotidiana é um dos vários dispositivos utilizados pelos produtores de cultura impressa para orientar e “educar” o leitor cujo papel “representa, sobretudo, uma intenção que apenas se realiza através dos atos estimulados no receptor. Assim entendidos, a estrutura do texto e o papel do leitor estão intimamente ligados” (ISER, 1996, p. 75).

Ato extremo no século XIX, a leitura de clássicos como *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, fez crescer os índices de suicídios na Europa. Esse fato ocorreu justamente na época em que uma das poucas distrações era a leitura e as angústias das personagens influenciavam as mentes dos jovens leitores, a tal ponto que a imaginação do sofrimento ficcional passou a integrar o mundo real. O exemplo serve para percebermos que “a perspectiva recepcional visa, portanto, a identificar claramente as condições históricas que moldaram a atitude do receptor num dado período da história, numa determinada circunstância em que juízos sobre literatura foram transmitidos” (ROCHA, 1996, p. 20). A preocupação com tal atitude é notada na “Advertência” d’*A mão e a luva*:

Esta novela, sujeita às urgências da publicação diária, saiu das mãos do autor capítulo a capítulo, sendo natural que a narração e o estilo padecessem com

esse método de composição, um pouco fora dos hábitos do autor. Se a escrevera em outras condições, dera-lhe desenvolvimento maior, e algum colorido mais aos caracteres, que aí ficam esboçados. Convém dizer que o desenho de tais caracteres, — o de Guiomar, sobretudo, — foi o meu objeto principal, senão exclusivo, servindo-me a ação apenas de tela em que lancei os contornos dos perfis. Incompletos embora, terão eles saído naturais e verdadeiros? Mas talvez estou eu a dar proporções muito graves a uma coisa de tão pequeno tomo. O que aí vai são umas poucas páginas que o leitor esgotará de um trago, se elas lhe aguçarem a curiosidade, ou se lhe sobrar alguma hora que absolutamente não possa empregar em outra coisa, — mais bela ou mais útil.

Novembro de 1874.

M. de A.

Já no paratexto, o autor se dirige a seus prováveis leitores empíricos, dando indícios dos assuntos que serão abordados no livro, além de deixar claro que ler visa a preencher o tempo ocioso. Essa narrativa de modesta repercussão à época de seu lançamento gira em torno de Guiomar, agregada na casa da madrinha, uma rica baronesa. O mistério em relação ao final sustenta-se na trama desenvolvida com a luta pelo amor da jovem protagonista: de um lado, Luís Alves, ambicioso, calculista e determinado em sua busca de prestígio político e de um futuro promissor; de outro lado, Jorge, o ocioso sobrinho da baronesa, e Estevão, um advogado romântico e sonhador.

Enfatizando a família patriarcal, o romance machadiano respondia ao ideal vigente no contexto representado, quando se assistia a um gradativo aumento da circulação de obras literárias na sociedade nacional. Como os impressos, em grande maioria, eram importados e muito caros, os escritores utilizavam os jornais como meio de divulgação para seus trabalhos. Ao mesmo tempo, em todo o mundo ocidental, “o isolamento do membro da família, mesmo no interior da casa, passa a ser considerado algo positivo” (HABERMAS, 2003, p. 61). As representações ficcionais contemplaram essa alteração do conceito de privacidade, mostrando personagens lendo ao sopé da janela, na biblioteca e em seus quartos. Além disso, a busca pelo ideário civilizador, em Portugal e no Brasil, compreendia a incorporação de tudo o que se ligasse ao conhecimento, inclusive os livros.

Com a ampliação da oferta de folhetos, panfletos, jornais, florilégios e outros, surgiram novos grupos de leitores, como camponeses, artesãos, comerciantes, crianças, mulheres, além daqueles que já liam com frequência e assiduidade (religiosos e letrados). As leituras vieram a ser escolhidas previamente e tuteladas pelos chefes de família ou por outro homem de autoridade semelhante; proibia-se aos meninos até mesmo folhear livros, pois

“suas capas eram uma advertência, mais clara do que qualquer holofote, de que aqueles eram livros que nenhum menino decente leria. Eram livros para meninas” (MANGUEL; SOARES, 1997, p. 256). Apesar disso, a manutenção da moral e dos bons costumes colocava os homens a par dos romances “destinados às meninas”.

Uma leitora empírica acostumada a conteúdos romanescos de tal ordem é evocada nos seguintes trechos do romance em análise: “leitora minha” (ASSIS, 1960, p. 84); “a leitora que ainda lembrará da confissão” (ASSIS, 1960, p. 116); a “leitora” que não tinha “os olhos da baronesa” (ASSIS, 1960, p. 122-123). Leitoras românticas poderiam prever um “final feliz” para Estevão, mas provavelmente refutariam o casamento de Luís Alves e Guiomar, da mesma forma que a baronesa, aos olhos de quem o sobrinho Jorge tinha apenas qualidades e estaria apto a ser o marido da protagonista. O começo da narrativa dá a entender que a pretendente selará a união com Estevão, mas o romance terá outro desfecho. Frustrada posteriormente, a reação do leitor é desse modo antecipada, para que o conflito pendule entre o amor romântico e o matrimônio por interesse. Representativo da primeira opção, o sujeito moldado no romantismo anuncia o suicídio:

- Mas o que pretendes fazer agora?
- Morrer.
- Morrer? Que ideia! Deixa-te disso, Estevão. Não se morre por tão pouco... (ASSIS, 1960, p. 17).

Iniciando pelo final da história romanesca, o discurso narrativo já oferece mostras de que Machado desejava mudar a forma de escrita e de recepção da literatura ficcional brasileira no período, conforme havia declarado em seu ensaio “Instinto de nacionalidade”. A rejeição sutil ao gosto romântico é percebida no comentário aos costumes sociais da época em que a diversão residia nos salões, nos clubes e em apresentações de óperas, como uma medíocre adaptação operística do *Otelo* de Shakespeare. Já que o escritor queria preparar um novo público de leitura, seu narrador finge compartilhar o repertório romântico: “o procedimento agora consiste em induzir o leitor a se identificar com Estevão para em seguida demonstrar a inviabilidade, a artificialidade e o ridículo das convicções romanescas do personagem” (GUIMARÃES, 2004, p. 144). No mesmo diapasão, “se o leitor se identifica com as personagens e situações do mundo narrado, ele se transfere de sua órbita de realidade para outra que lhe é estranha e que pode apresentar-se como melhor” (RIBEIRO, 1996, p. 378).

Em consonância com os textos majoritariamente dirigidos aos homens no contexto referido por *A mão e a luva*, personagens letrados e magistrados buscam na leitura instrução e

racionalidade, além de serem “impregnados de uma cultura livresca cujo referente máximo era a literatura” (JAGUARIBE, 1998, p. 23). Um dentre eles, Estevão contava entre suas preferências intelectuais “a Política e a Literatura, e ainda assim, a Política só lhe acenava com o que podia haver de literário nela. Tinha leitura de uma e outra coisa, mas leitura veloz e à flor das páginas” (ASSIS, 1960, p. 29). A prática leitora vista como adequada para as mulheres transparece na seguinte cena de leitura d’*Os sofrimentos do jovem Werther*:

O rapaz acertara de abrir uma página de Werther; leu meia dúzia de linhas, e o acesso voltou mais forte que nunca.

Luís Alves acudiu-lhe com as pastilhas da consolação; o acesso passou; nova palestra, novo riso, novo desespero, e assim se foram escoando as horas da noite, que o relógio da sala de jantar batia seca e regularmente, como a lembrar aos dois amigos que as nossas paixões não aceleram nem moderam o passo do tempo (ASSIS, 1960, p. 22).

Ainda que Estevão não imite o final trágico do jovem que morre por amor na narrativa de Goethe, o romantismo é visto como algo prejudicial, uma doença ou mesmo loucura. O “acesso” ou desespero causado pela paixão deixa-o à mercê das emoções que afloram a cada trecho, causando-lhe a dor e o sofrimento. Além de incorrer num padrão de leitura tradicionalmente feminina, ele não se preocupa em assimilar o que é lido, algo pouco corriqueiro para o leitorado masculino cujos textos ideais deveriam levar à crítica e à reflexão, como no seguinte caso: “– Pois quanto a mim, – disse Luís Alves ouvindo pela terceira vez, esquecia-me disso e ia curar-me em cima dos compêndios; *Direito Romano e Filosofia*, não conheço remédio melhor para tais achaques. [...]” (ASSIS, 1960, p. 20).

No fragmento antes citado, percebemos a exigência da racionalidade masculina na decepção de Luís Alves ao dizer que o amigo estava tendo “achques”. Essa disposição doentia, tida como um modo feminino de expressão, deveria ser controlada pelo pai ou pelo marido de uma mulher sob tal estado e cuja “cura”, segundo os médicos, estaria na maternidade (Cf. PRIORE, 1997, p. 84). Desse modo, Estevão cumpria o modelo idealizado de comportamento da leitora romântica: além de comparar seu sofrimento ao da personagem criada por Goethe, sua fragilidade não condizia com os costumes sociais, pois como homem, não lhe seria de bom tom demonstrar os sentimentos a outrem. Batalhas contra o gosto romântico, como essa, assinalam a obra literária em estudo, em que personagens pouco idealizadas estão sempre refletindo, conforme vemos a seguir: “Pois sim, disse ele, convenho em que deves morrer, mas há de ser amanhã. Cede da tua parte, e vem passar a noite comigo. Nestas últimas horas que tens de viver na terra dar-me-ás uma lição de amor, que eu te pagarei

com outra de filosofia” (ASSIS, 1960, p. 18).

Quanto à divisão entre leituras para mulheres e para homens, a esse público direcionam-se notícias sobre economia, política e sociedade, além de estudos sobre Direito e Filosofia. Textos dessa espécie objetivam a informação e, no caso da personagem Luís Alves, lhe dão condições ao exercício de sua profissão, além de qualificá-lo a contrair matrimônio, ou seja, marcam sua posição como sujeito educado e bem sucedido. Dentre outras, essa representação de leitor mostra que a ficção tem a propriedade de conectar leitores empíricos e leitores representados, os quais nem sempre se associam ao gosto romântico, ainda hegemônico na moldura contextual que ampara o romance: a segunda metade do século XIX brasileiro. Trata-se agora de ver como se verifica a representação das personagens leitoras na mesma narrativa.

2. A leitora implícita entre cenas e práticas de leitura

De acordo com Wolfgang Iser, em *O ato da leitura*, “um leitor ideal deveria ter o mesmo código que o autor. Entretanto, como o autor transcodifica normalmente os códigos dominantes nos seus textos, o leitor ideal deveria ter as mesmas intenções que se manifestam nesse processo” (ISER, 1996, p. 65). Segundo o teórico, esse leitor é uma “ficção”, pois embora faça sempre novas interpretações, não consegue se por a par de tudo aquilo que um autor teria desejado comunicar. Todo texto vem carregado de vazios que permitem interpretações dependentes de cada indivíduo que trava contato com o escrito e do momento histórico no qual ele se encontra. Desse modo, o ponto de vista do leitor sempre oscila, de acordo com diferentes temas ou horizontes de expectativas.

Por isso, o leitor implícito de Iser³ admite múltiplas realizações, inclusive estruturais, responsáveis pela introjeção de elementos textuais, os quais orientam o percurso da leitura. Apropriamo-nos dessa ideia para tratar da “leitora implícita” em *A mão e a luva*, esclarecendo que o termo, raramente utilizado no feminino, se encontra no artigo “Ítalo Svevo & Machado de Assis: os olhares propostos em *A consciência de Zeno* e *Memórias póstumas de Brás*

³ Iser (1996, p. 73) assim define o leitor implícito: “não tem existência real, mas é antes uma estrutura do texto. A concepção de leitor implícito designa, então, uma estrutura que projeta a presença do receptor. Dessa forma, o leitor implícito não é mera abstração, uma vez que oferece determinados papéis a seus possíveis receptores”. Esse leitor é estimulado a preencher os vazios dos textos e, assim, produzir significados ao que é lido; não existe de forma concreta, histórica, mas à medida que decifre as orientações contidas no texto, ou seja, é um leitor representado através da interação entre texto e leitor empírico.

Cubas”, de Maria Celeste Tommasello Ramos (2003). A autora situa essa figuração de leitora em seu interesse por romances românticos, em sua identificação com determinadas personagens e até mesmo em sua inserção na narrativa. Não nos deparamos com a concepção de uma leitora real, mas com elementos que, integrando a estrutura textual, levam a uma interação entre o texto dirigido prioritariamente às mulheres e suas respectivas leitoras.

Por outro lado, o perfil da leitora empírica oitocentista, a ser buscada através dos livros e dos jornais, se compõe da mulher branca, aristocrática ou burguesa e bela. Para esse público, como vimos, destinavam-se leituras simples, geralmente histórias de heróis e mocinhos com finais felizes. Além disso, fazia-se muito comum a representação ficcional de acontecimentos cotidianos, como as leituras realizadas no jardim ou no quarto, bem como a leitura coletiva, todas elas, previamente tuteladas. Um texto complexo era considerado “arma perigosa nas mãos das incautas leitoras que necessitam, segundo se julga, de uma interpretação de profissionais socialmente autorizados” (MORAIS, 1998, p. 83). Na obra literária em análise, destacamos uma cena de leitura na qual a jovem Guiomar lê para a baronesa: “De noite foi à casa da tia. Achou as senhoras à volta de uma mesa; Guiomar lia, para a madrinha ouvir, um romance francês, recentemente publicado em Paris e trazido pelo último pacote” (ASSIS, 1960, p. 88).

Por sua vez, Miss Oswald aprecia os clássicos de John Milton e Walter Scott. As perspectivas de leitura dessa governanta britânica diferem das então apresentadas pelas leitoras brasileiras, pois Milton compunha poemas de cunho religioso exaltando a moral e pureza de espírito enquanto o romance histórico de Scott fugia aos padrões do romance romântico e do romance popular europeu, que faziam sucesso entre as moças da época. Mais adequados ao individualismo burguês e às ideologias liberais que vingam em sua pátria, os textos preferidos pela personagem inglesa são lidos individualmente, ao contrário das leituras coletivas realizadas por Guiomar e pela baronesa.

As personagens machadianas ora destacadas demonstram o processo que ocorria na sociedade por elas representada, associando-se ou não às expectativas de leitoras empíricas:

As primeiras décadas do século XIX foram marcadas pela expansão do público leitor, das tiragens e do número de títulos, dando à escrita impressa uma crescente importância, apesar de ainda diminuta em relação ao total da população [...]. E a leitura, como nos tempos então recentes do Antigo Regime, não se limitava a uma atitude individual e privada, mas ostentava contornos coletivos (MOREL; BARROS, 2003, p. 45).

Os escritores da ficção oitocentista tinham isso em mente para conceber estratégias

destinados a envolver as leitoras e demais pessoas que, sem acesso ao impresso, tomavam conhecimento das histórias ficcionais e dos assuntos do momento por intermédio de leituras coletivas. No romance em estudo, esse tipo de leitura revela-se como um costume diário, praticado também pela personagem masculina:

Jorge veio interrompê-las um pouco, mas só interromper, porque a leitura continuou logo depois, ajudando ele próprio a Guiomar naquela filial tarefa. Veio o chá, veio depois a hora de recolher, e a baronesa deu por findo o serão, ainda que o livro estava quase findo.

— Um capítulo mais, aventurou Jorge com o livro aberto nas mãos. A baronesa sorriu e voltou os olhos para Guiomar, a cuja conta lançou aquela dedicação do sobrinho; recusou contudo, por estar a cair de sono.

— Eu é que não me deito sem saber o resto, declarou Guiomar; levo o livro comigo.

— Ah! disse Jorge com um gesto de satisfação. (ASSIS, 1960, p. 88).

Apesar de alfabetizada e culta, a baronesa, “em lugar de ler com seus próprios olhos, preferia entregar-se aos prazeres que o narrador define como *filial tarefa*” (PINA, 2002, p. 95-96) que consiste em ouvir aquilo que a sobrinha lê. Por outro lado, a prática da leitura silenciosa, como realizada por Miss Oswald, permite uma relação de cumplicidade entre o texto e a leitora; o ato solitário aproxima a personagem do escrito. Capazes de ler individualmente ou em grupo, as leitoras representadas por Machado encarnam suas prefigurações de leitoras implícitas:

A difusão da possibilidade de ler silenciosamente marca uma ruptura de importância capital. A leitura silenciosa permitiu um relacionamento com a escrita que era potencialmente mais livre, mais íntimo, mais reservado. Permitiu uma leitura rápida, especializada, capaz de lidar com as complexas relações estabelecidas na página do manuscrito entre o discurso e suas interpretações, referências, comentários e índices. A leitura silenciosa criou a possibilidade de ler mais rapidamente e, portanto, de ler mais e de ler textos mais complexos (ABREU, 2002, p. 24).

Como sabemos, as leituras femininas no Brasil do século XIX eram supervisionadas pelos homens da casa, que escolhiam os romances considerados “ideais” e voltados ao público feminino, isto é, os que traziam histórias amenas. Mesmo a leitura silenciosa passava por tutela prévia, já que o contato com a ficção era entendido como capaz de exaltar a imaginação das mulheres; excitadas pelas paixões mundanas, elas poderiam negligenciar seus deveres domésticos, preferindo a eles o mundo da fantasia. A leitura feita por Guiomar representa esse universo: “Pôde ver-lhe também um livrinho, aberto nas mãos, sobre o qual pousava os olhos, levantando-os de espaço a espaço, quando lhe era mister voltar a folha, e deixando-os cair outra vez para embeber-se na leitura” (ASSIS, 1960, p. 35).

Embora a narrativa não indique qual livro a protagonista lê, inferimos que pode ser uma narrativa curta, já que o silêncio sobre o título, aliado ao uso do diminutivo, ratificam a ideia de que as leituras rápidas não atrapalhariam as mulheres em seus afazeres domésticos. Muitas narrativas do século XIX apresentam leitoras femininas desinteressadas, sentadas numa poltrona ou num banco de jardim, entregues displicentemente à leitura. Veiculada à exaustão, a imagem da lânguida leitora de romance toma corpo na protagonista d'*A mão e a luva*. Guiomar assim parece coincidir com a ideia que o gênero preferido pelas mulheres provocava-lhes uma espécie de letargia, afastando-as do mundo real.

A moça chegara à cerca; esteve de pé algum tempo, olhou em derredor e por fim sentou-se no banco que ali havia, dando as costas para o jardim de Luís Alves. Abriu novamente o livro, e continuou a leitura do ponto em que a deixara tão só consigo, tão embebida no livro que tinha diante, que não a despertou o rumor, aliás sumido, dos passos de Estevão nas folhas secas do chão. Teria percorrido meia página, quando Estevão, reclinando-se sobre a cerca, e procurando abafar a voz para que só chegasse aos ouvidos dela, proferiu este simples nome:

— Guiomar! (ASSIS, 1960, p. 37).

Cenas e representações de leitura somam-se a outros dispositivos utilizados pelos romancistas da época, como os “ganchos” textuais que, responsáveis por deixar sempre uma situação em aberto, visavam despertar o interesse do leitor em busca da continuidade e do final das tramas folhetinescas. Atiçando a curiosidade daqueles que aguardavam ansiosos o jornal do dia seguinte, o escritor procurava assegurar público cativo a seus escritos. Além desse recurso, que transparece na obra literária em estudo quando Guiomar resolve levar o livro consigo para “saber o resto” de sua história (ASSIS, 1960, p. 88), os resumos dos capítulos igualmente tinham os leitores em vista; situando-os quanto aos fatos importantes ocorridos em determinados episódios dos romances, destacavam o enredo, as personagens e a sociedade representada.

As narrativas oitocentistas procuravam envolver o leitor, lançando mão das descrições de cenas cotidianas, de amores impossíveis e prováveis, dentre outros motivos. A concepção do leitor implícito revela-se como estratégia importante, nunca desassociada da tentativa de seduzir “o leitor empírico, destinatário virtual de toda criação literária, e também direta ou indiretamente introjetado na obra que a ele se dirige. Assim, nomeado ou anônimo, converte-se em texto, tomando a feição de um sujeito com o qual se estabelece um diálogo, latente mas necessário” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 17). Ainda que indiretos, os diálogos produziam a identificação das leitoras com determinadas personagens, fazendo até mesmo

reproduzirem, em seus cotidianos, características dessas, como a vestimenta, o penteado e o comportamento.

Encontramos um tipo de contato indireto com o leitor no seguinte fragmento d'*A mão e a luva*: “Estevão, da distância e na posição em que se achava, não podia ver todas estas minúcias que aqui lhes aponto, em desempenho deste meu dever de contador de histórias” (ASSIS, 1960, p. 27). Por sua vez, a descrição de Mrs. Oswald como inteligente e sagaz vai de encontro à proposta segundo a qual a mulher não devia se manifestar, tampouco ser capaz de avaliar situações. Sua inteligência pode referir-se à interferência, que acabaria fracassando, dos ingleses nos negócios brasileiros durante o início do século XIX, como a personagem também fracassa em sua tentativa de unir Guiomar a Jorge.

Assim como Mrs. Oswald, Guiomar é uma leitora que consegue manter-se distante do que lê e não se envolve emocionalmente com narrativas românticas, ao contrário, “possui uma grande capacidade de percepção da realidade e muita vontade e empenho para atingir seus objetivos” (ROCHA, 2006, p. 71). A personagem é o oposto de Estevão, que se apega às leituras e “histórias de amor, velhas como Adão, e eternas como o céu” (ASSIS, 1960, p. 17), sem conseguir distanciar-se das leituras ingênuas que não condizem com sua posição de bacharel:

Relanceando os olhos pela chácara, viu Estevão que era plantada com esmero e arte, assaz vasta, recortada por muitas ruas curvas e duas grandes ruas retas. Uma destas começava das escadas de pedra da casa e ia até o fim da chácara; a outra ia da cerca de Luís Alves até à extremidade oposta, cortando a primeira no centro. Do lugar em que ficava Estevão só a segunda rua podia ser vista de ponta a ponta.

Sentou-se o bacharel em um banco que ali achou, recebeu a xícara de café, que o escravo lhe trouxe daí a pouco, acendeu um charuto e abriu o livro. O livro era uma *Prática forense*. Demos-lhe razão ao despeito com o que o fechou e atirou ao chão, contentando-se com o canto dos pássaros e o cheiro das flores, e a sua imaginação também, que valia as flores e os pássaros (ASSIS, 1960, p. 31, 32).

As leituras apressadas e panorâmicas de Estevão relacionam-se ao gosto da época, aos hábitos e aos clichês românticos. O narrador de Machado faz os leitores se identificarem com essa personagem para depois corrigi-la, utilizando recursos caricatos, como a expressão da dor através de uma espécie de convulsão, que a faz puxar os cabelos e pedir a morte. A caricatura também aparece na informação de que o jovem bacharel escreve versos inspirados em Byron, confessando “à cidade e ao mundo a profunda incredulidade do seu espírito, e o seu fastio puramente literário” (GUIMARÃES, 2004, p. 143). Esse era o perfil do leitor

empírico cujas práticas começavam a se exaurir no século XIX brasileiro e, em parte, não deixava de ser projetado na leitora implícita d'*A mão e a luva* em que, não por acaso, no seguinte fragmento, a palavra se dirige aos leitores empíricos cujo gosto romântico parecia dar sinais de cansaço: “quem está feito a ler romances, e leu esta narrativa desde o começo, supõe logo que esse homem podia ser Estevão. Era ele. Talvez o leitor, em lance idêntico, fosse refugiar-se em sítio tão remoto, que mal pudesse acompanhá-lo a lembrança do passado” (ASSIS, 1960, p. 174).

Além de retomar o assunto narrativo, o diálogo fornece explicações sobre a espécie de leitor que o autor tinha em mente, nomeando, mas preterindo, aquele dado a ler romances românticos. Essa leitura, característica das mulheres, reforça a propriedade da expressão leitora implícita, na interação promovida entre o texto em questão e a leitora, no feminino, bem mais visada do que o leitor genérico. Talvez inalcançável para a leitora implícita, a perspicácia anunciada logo a seguir se anula pelas informações um tanto excessivas, reconhecíveis como típicas da narrativa romântica:

Um leitor perspicaz, como eu suponho que há de ser o leitor desse livro, dispensa que eu lhe conte os muitos planos que ele teceu, diversos e contraditórios, como é de razão em análogas situações. Apenas direi por alto que ele pensou três vezes em morrer, duas vezes em fugir à cidade, quatro em ir afogar a sua dor mortal naquele ainda mais mortal pântano de corrupção em que apodrece e morre tantas vezes a flor da mocidade (ASSIS, 1960, p. 105).

A postura romanesca e previsível de Estevão dispensa explicação mais abrangente sobre seu pensamento, demonstrando que o narrador machadiano não mais se dispõe, como em *Ressurreição*, em constante oposição ao interlocutor, mas busca sua cumplicidade e tenta negociar com ele. Assim, o tecido antirromântico de *A mão e a luva* mostra que, “no empenho de aproximar-se e estabelecer cumplicidade com o leitor, o narrador a todo momento o induz a identificar-se com as personagens, positiva e negativamente” (GUIMARÃES, 2004, p. 142). Se uma primeira leitura do romance leva à identificação com Estevão, seu aprofundamento revela que a condução dos fatos pela instância narrativa, valendo-se do riso e do deboche, adianta a reação daqueles que, esperando a união de Guiomar e Estevão, acabem frustrados ao vê-la nos braços de Luís Alves. Selado com um “ósculo fraternal” (ASSIS, 1960, p. 175), o casamento confirma a solução final da integração cômica observada por José Luiz Passos⁴

⁴ De acordo com José Luiz Passos (2007, p. 52), os romances de Machado são uma novidade em torno de núcleos morais, de modo que, inspirado em William Shakespeare, o escritor brasileiro faz com que seus

(2007, p. 52) tanto aqui quanto em *Iaiá Garcia*.

Como assinalado na Advertência, a narrativa romanesca traça caracteres das personagens, também como um meio de escolher e “educar” o público leitor, pois “a temática adotada define um tipo de interesse-leitor. A forma de narrar dirige-se a um público específico, afastando, possivelmente, outros e daí por diante” (RIBEIRO, 1996, p. 373). O diálogo da obra literária com seus leitores, especialmente, com as leitoras empíricas, firma-se assim desde o seu princípio:

de um lado, situa-se o efeito, condicionado pela obra que transmite orientações prévias e, de certo modo, imutáveis, porque o texto conserva-se o mesmo, ao leitor; de outro, a recepção, condicionada pelo leitor, que contribui com suas vivências pessoais e códigos coletivos para dar vida à obra e dialogar com ela (ZILBERMAN, 1989, p. 65).

Se a construção de sentido depende do público leitor e da época em que o texto venha a ser lido, no mundo contemporâneo, quando já dispomos de considerável produção histórica e teórica sobre a leitura, podemos notar como os livros fazem parte do cotidiano das personagens machadianas; da mesma forma, que o leitor ficcional equivale em representação a um público apto a ler e se manter distante do texto, já que o escritor parecia empenhado em transformar o gosto literário dos brasileiros no século XIX. Nessa época, “mulheres e estudantes formavam a maioria do público dos escritores românticos. Mulheres jovens e sonhadoras, ainda tiranizadas pela mão de ferro do *pater familias*, mas já vivendo as primeiras aventuras da libertação – como a grande aventura espiritual de ler” (MACHADO, 2003, p. 39).

É possível então afirmar que a leitora implícita incorpora e segue as orientações contrarromânticas de Machado de Assis, mas deixa espaço aberto a uma camada subjetiva de percepção, capaz de causar reação individual nos leitores empíricos. Portanto, “não é abstração de um leitor real, mas condiciona sim uma tensão que se cumpre no leitor real quando ele assume o papel” (ISER, 1996, p. 76). Ao passo que a leitora implícita se relaciona à estrutura do texto, o leitor real visualiza os dados e as predisposições oferecidos à

primeiros protagonistas se tornem os centros das próprias decisões. Essas personagens representam suas lutas para se integrarem às condições impostas pela sociedade e às regras vigentes, que determinavam tanto seu triunfo quanto seu fracasso. Desse modo, *A mão e a luva* e *Iaiá Garcia* se caracterizam pela “integração cômica”, geralmente assinalada pela união matrimonial das protagonistas femininas enquanto *Ressurreição* e *Helena* se fariam marcar pela “dissolução trágica”, notada respectivamente no afastamento da jovem viúva Lúvia de seu pretendente Félix e na morte de Helena.

interpretação, construindo sentidos, interagindo com o texto, ratificando ou retificando ideias, concordando ou não com o que é lido. Seu papel “se realiza histórica e individualmente, de acordo com as vivências e a compreensão previamente constituída que os leitores introduzem na leitura” (ISER, 1996, p. 78).

A liberdade para assumir a função oferecida pela estrutura textual e não considerar apenas as experiências pessoais pode dar à leitura uma interpretação mais rica, uma vez que o leitor implícito ocupa os vazios que o texto lhe oferece, cabendo ao leitor empírico interpretá-los, dando coerência ao texto e, ao mesmo tempo, encontrando prazer na leitura. No caso d’*A mão e a luva*, como o ato de ler constituía uma prática recente para as mulheres ao tempo de sua escritura, o narrador as conduz ao longo da narrativa, cumprindo o papel de mediador na interação entre o texto e as leitoras ainda envolvidas com textos lineares e de fácil fruição. Tendo em mira a leitora empírica, quando da concepção de sua leitora implícita, o autor faz Estevão, e não Guiomar, ser a personagem adepta às leituras românticas.

Em seus empreendimentos para a preparação de um novo território de leitura, em vez de “bater de frente” com seu interlocutor, Machado fingia compartilhar com seu narrador o mesmo repertório de leituras românticas. Sua protagonista, no entanto, além de não desfrutar das mesmas preferências, tampouco lê somente os romances, mas por igual, as situações que lhe proporcionam oportunidades de ascender socialmente. Nesse aspecto, “a teia de interesses, pensamento e ideologia, que atravessa o Segundo Reinado e a República, no período abrangido pela ficção de Machado de Assis, está presente na sua obra” (FAORO, 1988, p. 289). Ao lado da crítica social, a ideia de mudar o gosto dos leitores ganha evidência por intermédio dos diferentes pontos de vista das personagens sobre cada uma delas mesmas.

O narrador d’*A mão e a luva* permite que essas construções, feitas sob olhares mútuos, projetem as imagens do próprio texto no mundo de expectativas do leitor. Trata-se da interação proposta por Iser, através da qual,

o autor e o leitor participam portanto de um jogo de fantasia; jogo que sequer se iniciaria se o texto pretendesse ser algo mais que uma regra do jogo. É que a literatura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer as nossas capacidades (ISER, 1999, p. 10).

Assim, cada texto traz indicações implícitas de leitura que podem ou não ser seguidas pelo leitor. Na narrativa literária em estudo, ao mesmo tempo em que ler é um hábito privilegiado, o narrador maneja artimanhas, jogos de poder, tramas enroladas, dentre outros

artifícios dos quais lança mão para envolver os leitores empíricos. As ações, intenções e reações das personagens são por ele conduzidas, como ocorre quando faz notar que a primeira leitura de *Guiomar* não foi nenhum livro nem tampouco folhetim, mas uma leitura do mundo social:

O muro do fundo tinha uma larga fenda, por onde se via parte da chácara pertencente a uma casa da vizinhança. A fenda era recente; e *Guiomar* acostumara-se a ir espairecer ali os olhos, já sérios e pensativos. Naquela tarde, como estivesse olhando para as mangueiras, a cobiçar talvez as doces frutas amarelas que lhe pendiam dos ramos, viu repentinamente aparecer-lhe diante, a cinco ou seis passos do lugar em que estava, um rancho de moças, todas bonitas, que arrastavam por entre as árvores os seus vestidos, e faziam luzir aos últimos raios do sol poente as joias que as enfeitavam. Elas passaram alegres, descuidadas, felizes; uma ou outra lhe dispensou talvez algum afago; mas foram-se, e com elas os olhos da interessante pequena, que ali ficou largo tempo absorta, alheia de si, vendo ainda na memória o quadro que passara (ASSIS, 1960, p. 52).

O narrador machadiano se vale de aspectos comuns para induzir seus leitores empíricos à reflexão e à crítica, permitindo-lhes, sempre que necessário, situar a narrativa para quem vier a lê-la, como no seguinte trecho da obra literária em análise: “Dirá a leitora que o sobrinho não merecia tanto zelo nem tão pertinaz esperança, e terá razão; mas os olhos da baronesa não são os da leitora; ela só lhe via o lado bom – que era realmente bom – ainda que de uma bondade relativa” (ASSIS, 1960, p. 122, 123). Com isso, a leitora empírica procurada num primeiro momento pode ceder às expectativas supostamente previstas para uma leitora implícita que corre o risco de ser transformada em outro tipo de leitor (a) no momento da leitura: “Nesta correção, que o texto impõe, da representação mobilizada, forma-se o horizonte de referência da situação. Esta ganha contornos, que permitem ao próprio leitor corrigir suas projeções. Só assim ele se torna capaz de experimentar algo que não se encontrava em seu horizonte” (ISER, 1979, p. 89).

A relação entre o texto e o leitor ganha inúmeras possibilidades de comunicação; vazios, negações, supressões, questionamentos e diálogos rompem com a linearidade do texto, viabilizando novas leituras. É o que ocorre não apenas n’*A mão e a luva*, como também em *Ressurreição*, *Helena* e *Iaiá Garcia*, textos muitas vezes menosprezados frente ao sucesso de recepção inaugurado a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Naqueles romances iniciais de Machado de Assis, “o artifício desafia o leitor em toda a linha: ensina-o a pensar com a própria cabeça; a discutir não apenas os assuntos, mas também a sua apresentação” (SCHWARZ, 2004, p. 32).

Os meios escolhidos por Machado para atingir tal objetivo passavam pelo direcionamento às leitoras empíricas, dentre elas, senhoras burguesas facilmente identificáveis com as personagens leitoras machadianas. Isso confirma a afirmação de José Luiz Jobim:

Todo narrador, por mais engenhoso ou criativo que se pretenda, ao visar como leitor um membro de uma certa comunidade, lança mão de recursos e possibilidades normatizadas e socialmente disponíveis, para que possa atingir sua finalidade, qualquer que seja. Assim sendo, a própria criação de seu texto não é apenas privada, isto é, não pertence à esfera exclusiva de uma subjetividade autônoma, que se pretenda responsável absoluta por sua invenção (JOBIM, 2002, p. 149).

Os estratagemas utilizados pelo narrador do romance em estudo propõem a participação ativa e direta do leitor que, interagindo com o texto, se depara com a ambição, a ascensão matrimonial e patrimonial, a carreira política, veículos disponíveis para alcançar prestígio social na sociedade representada. Apesar da discutível autonomia da pessoa que lê, com o incremento do público leitor no curso na sociedade brasileira oitocentista, ampliou-se o mercado consumidor do impresso e a leitura literária, especialmente em forma de folhetim, passou a ter maior importância na vida social burguesa. Machado de Assis levava em conta o sensível aumento do número dessas leitoras, mas não se contentaria com seus gostos e suas inclinações por romances românticos ou por romances de imediato sucesso popular.

Retomado como leitora implícita, o conceito de leitor implícito proposto por Wolfgang Iser aqui se demonstra adequado devido à perspectiva de ação e colaboração do sujeito diante da leitura e em face da possibilidade de atualização do significado histórico do texto, o que acontece quando o leitor não se mostra passivo diante dele, mas o internaliza, dando conta dos deslocamentos narrativos, de modo a produzir seu “encontro” com a obra literária (Cf. ISER, 1996, p. 127). O narrador machadiano propõe a participação ativa e direta de seus prováveis leitores que, ainda hoje, buscam refletir sobre assuntos recorrentes no cenário social referido, percebendo as relações entre seus mundos e os signos textuais impressos na representação ficcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2002.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Sedegra, 1960.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o*

- público de literatura no século 19*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1984.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. 2v. v. 1.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999. 2v. v. 2.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. Trad. Luiz Costa Lima. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.
- JAGUARIBE, Beatriz. *Fins de século: cidade e cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- JOBIM, José Luís. *Formas da teoria*. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- MANGUEL, Alberto; SOARES, Pedro Maia. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XIX. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 19, n. 45, 1998. p. 71-85.
- MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- PASSOS, José Luiz. *Machado de Assis: o romance com pessoas*. São Paulo: EdUSP; Nankin, 2007.
- PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura e jornalismo no Oitocentos brasileiro*. Ilhéus: EDITUS, 2002.
- PRIORE, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. Trad: Carla Bassanezi. São Paulo: Contexto, 1997.
- RIBEIRO, Luiz Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: EdUFF, 1996.
- RAMOS, Maria Celeste Tomasello. Ítalo Svevo & Machado de Assis: os olhares propostos em *A consciência de Zeno* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*. *Fragmentos*, Florianópolis, v. 21, p. 193-204, 2003.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- SCHWARZ, Roberto. A vira volta machadiana. *Revista Novos Estudos CEBRAP*, n. 69, jul. 2004, p.15-34.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.